

Quem tem medo do romance pornográfico? O romance pornográfico como campo de disputa da crítica feminista

Iara Germano¹Fábio Figueiredo Camargo²

Resumo: O presente artigo investiga o romance pornográfico como um espaço de disputa dentro da crítica feminista e literária. Com base em discussões de Susan Sontag, que propôs o reconhecimento do valor artístico da pornografia, exploramos como este gênero literário continua marginalizado, sendo frequentemente analisado sob perspectivas psicológicas e sociais. No campo da crítica feminista, a pornografia gera divisões. Feministas antipornografia argumentam que a pornografia reforça a opressão masculina e a objetificação das mulheres, enquanto a outras teóricas questionam as definições que distinguem *pornografia* de *erotismo*, ressaltando a complexidade dessa categorização. A nossa discussão reflete a dualidade presente na crítica feminista, que tanto condena a pornografia por suas implicações de violência de gênero quanto reconhece seu potencial para expressar as múltiplas facetas da sexualidade feminina. Além disso, discutimos como o romance pornográfico desafia as convenções literárias e culturais, sendo um reflexo das tensões sociais em torno da sexualidade e do gênero. Em última análise, o defendemos uma análise mais complexa e aberta dessa literatura, sugerindo que ela pode operar como um campo legítimo de investigação crítica e acadêmica.

Palavras-chave: Romance pornográfico; Pornografia; Crítica feminista; Crítica Literária; Cânone literário.

Introdução

Em *A imaginação pornográfica*, Susan Sontag (2021) argumenta que existem três tipos de pornografia (social, psicológica e artística) e que, para entender a pornografia enquanto fenômeno, é necessário que se considere cada categoria individualmente. Em seu ensaio, Sontag se ocupa de discutir a literatura pornográfica, levando em consideração o seu valor artístico, ressaltando que a crítica literária não se ocupa de obras pornográficas como deveria. De modo geral, a autora aponta que, no campo das artes, a pornografia é sempre relegada à análise

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. Graduada em Letras (Português) pela Universidade Federal de Uberlândia. Graduada em Letras (Inglês) pela Universidade Federal de Uberlândia. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8360-7857>. E-mail: igermano@ufu.br.

² Professor Associado II na Universidade Federal de Uberlândia. Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, com pós-doutoramento pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4482-9836>. E-mail: fabiocamargo@ufu.br.

psicológica e social e, apenas quando a crítica literária conseguir rever seus próprios conceitos de literatura, a pornografia será reconhecida pelo seu valor artístico.

Em seu texto, Sontag aborda o debate sobre o espaço da pornografia na Literatura de maneira precisa, reconhecendo que o que marginaliza esse tipo de texto são elementos que não são de ordem artística, mas sim do é considerado arte dentro de um contexto sócio-histórico. No entanto, o debate não se encerra com o entendimento de que a estigmatização da pornografia se dá por tais questões. Por se tratar de um tema polêmico que ainda é tabu nos dias de hoje, a pornografia é, indiscutivelmente, um espaço de disputa não só da crítica literária, mas também da crítica feminista.

Publicado originalmente em 1969, pouco antes das guerras sexuais feministas, que se estenderam do final da década de 1970 até meados da década de 1980, o ensaio de Sontag vai ser criticado recorrentemente por feministas radicais antipornografia. Andrea Dworkin, por exemplo, em *Pornography: Men possessing Women* (1979), ao discutir a literatura de Marquês de Sade e de Georges Bataille, discorda de Sontag que esses textos possam ter valor literário, visto que contribuem para a dominação masculina e violenta das mulheres. Wendy McElroy, em contrapartida, em *XXX: a Woman's Right to Pornography* (1995), aponta como há um impasse teórico na própria definição de pornografia, visto que sempre busca defini-la em contraposição com erótico. De modo geral, as definições partem da noção de que a

[...] pornografia é nojenta; erotismo é saudável. O que exatamente constitui o erotismo nunca é claramente expresso. Ele é meramente descrito como afirmador da vida, enquanto a pornografia é condenada como degradante (McElroy, 1995, p. 32)³.

A partir desse debate, é possível afirmar que a relação entre literatura e pornografia é uma discussão que perpassa pela noção de cânone literário, ao ser uma das características que, supostamente, diferenciaria alta e baixa literatura. Nesse contexto, o romance pornográfico se apresenta como um gênero que, historicamente, é menosprezado pela teoria e pela crítica literária. De acordo com Janine Rogers (2003), o interesse pelo texto pornográfico advém do seu valor histórico, de sua relação com a censura, dos aspectos sociológicos relacionados ao

³ Traduzido de: “[...] pornography is nasty; erotica is healthy. What exactly constitutes erotica is never clearly expressed. It is merely described as life affirming, while pornography is decried as degrading.”

contexto de sua produção e dos modos que são usados para oprimir e objetificar certos grupos, mas, raramente, pelo seu valor literário.

A crítica literária feminista, em particular, se revela dividida na abordagem deste gênero, levantando questões complexas sobre como a pornografia opera na expressão e opressão da sexualidade feminina. Levando em consideração as tensões criadas por análises, este texto se propõe a explorar, brevemente, essas divergências, examinando como o romance pornográfico é percebido e contestado no campo da crítica feminista.

A recepção do romance romântico

Em *Romantic Fiction and its Readership*, Peter H. Mann (1985) analisa os dados obtidos por uma pesquisa de mercado sobre os hábitos de leitura dos britânicos realizada pela *Euromintor International* em 1983, levando em consideração o que os números mostravam a respeito do romance romântico. Os 1989 participantes, com idade a partir de 16 anos, foram convidados a responder perguntas sobre suas leituras mais recentes, de preferência, sobre o livro que estavam lendo no momento da enquete.

Em consonância com os anos anteriores, a pesquisa revelou que mulheres (49%) liam mais que homens (42%) e que, enquanto 55% das leituras realizadas por homens eram ficção, as leituras de gêneros ficcionais realizadas por mulheres correspondiam a 80%. De uma seleção de 12 gêneros ficcionais, 18% dos respondentes afirmaram ler romance romântico, o que corresponde ao gênero mais lido dentre os participantes da pesquisa. Recortado em gênero, apenas 1% dos homens afirmaram ler romance romântico, enquanto 31% das mulheres afirmaram o mesmo. Em relação ao fator econômico, a pesquisa mostrou que estes romances são lidos por mulheres de todas as classes sociais, ao contrário da noção de que a leitura desse gênero se restringisse ao interesse da classe trabalhadora.

A partir desses números, Mann discute sobre como que, apesar da popularidade dos romances românticos e do sucesso de vendas, existe uma certa relutância da crítica literária em reconhecer estes livros como literatura. O sociólogo argumenta que o despreço pelo gênero, ainda que esses livros correspondam a todos os requisitos para que tenham seu valor literário reconhecido, deve-se ao público formado majoritariamente por mulheres.

É interessante notar que, após 40 anos da publicação dos resultados da pesquisa, o cenário de leitura e percepção dos romances românticos não tenha mudado em quase nada. A tendência, conforme apontado por Mann, é que os temas se adaptem às morais da época, por exemplo, dos anos 1930 para os anos 1980, houve mudanças a respeito de questões como a virgindade das heroínas, sexo pré-marital, o uso de drogas, métodos contraceptivos etc. Outro ponto interessante de se analisar, partindo do artigo de Mann, é como as cenas sexuais que podem aparecer neste tipo de texto são percebidas. Para o sociólogo, a presença cada vez mais ubíqua dessas cenas se mostrava como uma tática de mau-gosto das editoras para competirem em um mercado saturado. O real valor das narrativas românticas, ao abordar sexo, estaria em mostrar como o desejo sexual nascia do amor dos protagonistas, não da sua luxúria.

A previsão de Mann para esse tipo de livro seria que as leitoras deixariam de comprar tais romances, uma vez que beiravam a pornografia. No entanto, um dos ramos mais bem sucedidos do mercado editorial atualmente é, justamente, o romance romântico pornográfico. Obedecendo às mesmas regras dos romances românticos, em que um casal se conhece no início da narrativa, o herói e a heroína se apaixonam, declaram o amor um para o outro e, invariavelmente, ficam juntos e felizes ao final, os romances pornográficos se diferenciam ao trazer as cenas sexuais do casal descritas explícita e detalhadamente.

O romance pornográfico como literatura menor

Se, em 1980, as cenas pornográficas eram uma questão que permeava esse gênero literário, em 2024, elas ainda são um campo de disputa da crítica literária feminista. Do mesmo modo em que há quem concorde com Mann em relação a presença de cenas sexuais explícitas em romances (Patthey-Chavez, 1996; Radway, 1991; Snitow, 1994; Turner, 2015), existe outras perspectivas que discordam que as cenas pornográficas sejam problemáticas (Frantz; Selinger, 2012; Krentz, 1992; Wendell; Tan, 2009).

Diante da divergência sobre o que este tipo de produção possa representar para as mulheres, é possível pensarmos o romance pornográfico a partir do que Deleuze e Guattari (2017, p. 33) chamam de *literatura menor*:

As três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo de enunciação. É o mesmo que dizer que ‘menor’ não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida).

Levando em consideração essas três características, a pornografia literária seria um agente da desterritorialização da língua ao cooptar determinadas categorias lexicais e registros linguísticos para produzirem desejo no leitor durante as cenas eróticas. Em *Verdade e palavra obscena na pornografia francesa no século XVIII*, ao identificar os principais elementos que nos permitem realizar uma análise formal dos romances pornográficos, Lucienne Frappier-Mazur (1999) explica que o uso de palavras que são considerados vulgares e indesejadas em conversas polidas, palavras de baixo calão, termos médicos técnicos e palavras de cunho religioso ocupam um espaço de primazia no texto pornográfico. Essas palavras reapropriadas nesses textos são o que a autora chama de *palavra obscena*, aquelas que são capazes de produzir a excitação no leitor.

No trecho a seguir, retirado de um dos contos sadomasoquistas de Wilma Azevedo, presente no livro *A Vênus de Cetim*, é possível observar como se dá o uso da palavra obscena no texto pornográfico:

Já o terceiro era muito avançado para o que eu me propunha: ‘Quero possuí-la de todas as formas. Vou sacrificá-la impiedosamente. Mordê-la, arranhá-la, chicoteá-la, depois sujeitá-la a meu bel-prazer. Amarrada de pernas abertas, vou preparar sua bocetinha, depilando-a. Quero espetar seu clitóris com agulhas capilares descartáveis, dessas usadas em anestésicos odontológicos. São maleáveis. É uma introdução sensacionalmente erótica, assaz dolorosa, mas é fascinante introduzi-las bem devagarinho, formando com duas delas uma cruz. Depois derramarei Tequila em cima de sua concha sacrificada e me deliciarei tomando a bebida nessa taça divina, enquanto você se contorce espetacularmente com o prazer da dor que isso causa. Poderei introduzi-las, também, na auréola e nos bicos dos seios. Tenho um banco próprio para o ritual do supremo sacrifício. Esse banco tem orifícios para que os seios, a boca e a vagina, de um lado, e a bunda, do outro, fiquem expostos à sanha de meus desejos. Vou mijar em você ou aparar o mijo num recipiente para obrigá-la a beber de um só gole’ (Azevedo, 1986, p. 113).

No excerto, em que Wilma Azevedo lê uma carta que recebera de um de seus admirados narrando fantasias sexuais que tinha com a dominadora, encontramos exemplos de palavras de baixo calão (*bocetinha*, *mijo*, *bunda*), palavras de cunho religioso (*sacrificar*, *taça divina*,

ritual) e palavras médicas (*clitóris, auréola, seios, vagina*). A desterritorialização da língua, nessa circunstância, se dá pelo uso desapropriado da palavra, com a intenção de produzir um efeito diferente do que se é esperado pelo uso original.

Quanto à ligação do individual no imediato-político e ao agenciamento coletivo, no romance pornográfico, haveria o apagamento das idiossincrasias das heroínas, de modo que os valores sócio-políticos, sexuais, religiosos, éticos, morais, familiares etc., os desejos e as opressões das protagonistas representariam, indiscriminadamente, os mesmos de toda e qualquer mulher. Sandra Sacramento (2020) explica como esse movimento de se pensar a mulher como representantes de toda uma categoria é herança de um discurso iluminista que excluiu a mulher do espaço público. Ao ser pensada como um *outro* incapaz de responder por interesses universais, as mulheres são determinadas por uma *essência feminina* e pela ausência da individualidade (Sacramento, 2020, p. 136).

Nessa perspectiva, não haveria casos individuais, uma vez que cada história contada, cada romance publicado, repercutiria em uma tomada de posição, em um gesto político, diante da cultura heteronormativa e patriarcal que oprime as mulheres. Uma autora e sua heroína seriam capazes de representar toda a experiência feminina a partir da sua própria. No entanto, por outro lado, pensando a *literatura menor*, esses romances são disruptivos a partir do momento em que insistem em dar voz as inúmeras configurações que a sexualidade feminina pode tomar.

Por ser uma literatura menor que se desenvolve contrariamente ao que a crítica literária aclamada entende como boa literatura, os romances pornográficos se configuram como um espaço de disputa da crítica. Por estarem fora do cânone, não há margens que contenham as problemáticas elaboradas a partir desses textos. Contudo, por mais que haja uma amplitude para os debates sobre a pornografia, é interessante observar como muitas das análises feministas reforçam noções moralistas sobre esse tipo de produção.

Disputas críticas

Anne Gilbert (2015), ao estudar a autopublicação de romances pornográficos em plataformas de livros digitais, explica que a disputa sobre o gênero na crítica feminista se dá

pela tentativa de conciliar as fantasias sexuais escritas por mulheres com o público majoritariamente feminino com as possíveis implicações que essas fantasias são nocivas, pois reinscrevem mulheres em valores heteronormativos.

Ao defender que os romances pornográficos legitimam a violência de gênero, a análise de Gilbert lança mão dos mesmos argumentos que as feministas antipornografia utilizaram durante as décadas de 1970 e 1980 para defenderem a abolição de todo tipo de produção pornográfica devido a misoginia inerente desses materiais. Em seu argumento, Andrea Dworkin parte da ideia de que:

A palavra pornografia não significa ‘escrita sobre sexo’, ‘representações do erótico’, ‘representações de atos sexuais’, ‘representações de corpos nus’ ou ‘representações sexuais’ ou qualquer outro eufemismo semelhante. Ela significa a representação gráfica de mulheres como prostitutas vis. Na Grécia antiga, nem todas as prostitutas eram consideradas vis: apenas as *porneia*.

A pornografia contemporânea se conforma estritamente e literalmente ao significado original da palavra: a representação gráfica de prostitutas vis, ou, em nossa linguagem, vadias, vacas (como: gado sexual, bens sexuais), bucetas. A palavra não mudou seu significado, e o gênero não é mal nomeado. A única mudança no significado da palavra diz respeito à sua segunda parte, *graphos*: agora existem câmeras há fotografia, filme, vídeo. Os métodos de representação gráfica aumentaram em número e tipo: o conteúdo é o mesmo; o significado é o mesmo; o propósito é o mesmo; o status das mulheres retratadas é o mesmo; a sexualidade das mulheres retratadas é a mesma; o valor das mulheres retratadas é o mesmo. Com os métodos tecnologicamente avançados de representação gráfica, mulheres reais são necessárias para que a representação como tal exista (Dworkin, 1979, p. 200)⁴.

Além disso, Gilbert defende, também, que a presença de cenas pornográficas em romances contribui para a legitimação do romance romântico como textos desvalorizados, feminilizados e indecentes, assim como as práticas de escrevê-los e lê-los. Ou seja, para a autora, a marginalização de um gênero historicamente associado a produções femininas seria

⁴ Traduzido de: “The word pornography does not mean ‘writing about sex’ or ‘depictions of the erotic’ or ‘depictions of sexual acts’ or ‘depictions of nude bodies’ or ‘sexual representations’ or any other such euphemism. It means the graphic depiction of women as vile whores. In ancient Greece, not all prostitutes were considered vile: only the *porneia*. Contemporary pornography strictly and literally conforms to the word’s root meaning: the graphic depiction of vile whores, or, in our language, sluts, cows (as in: sexual cattle, sexual chattel), cunts. The word has not changed its meaning and the genre is not misnamed. The only change in the meaning of the word is with respect to its second part, *graphos*: now there are cameras—there is still photography, film, video. The methods of graphic depiction have increased in number and in kind: the content is the same; the meaning is the same; the purpose is the same; the status of the women depicted is the same; the sexuality of the women depicted is the same; the value of the women depicted is the same. With the technologically advanced methods of graphic depiction, real women are required for the depiction as such to exist.”

desvalorizado pela presença de pornografia e não por outras questões sócio-históricas ligadas à dominação masculina da cultura.

Partindo de uma perspectiva diferente da de Gilbert, mas antipornográfica da mesma forma, Janice Radway, em *Reading the Romance: Woman, Patriarchy, and Popular Literature* (1984), investiga a recepção de romances entre as leitoras do gênero, considerando questões sobre o grau de liberdade que o público demonstra em sua interação com mensagens midiáticas e seu interesse na maneira como essas formas culturais estão inseridas na vida social de seus usuários. Para a realização da pesquisa, foi entrevistado um grupo de mulheres de Smithton, uma pequena cidade próxima à Nova Iorque.

Antes de partir para a análise dos dados obtidas com a entrevista, Radway (1991) pontua algumas questões sobre a sexualidade feminina, contrariando o trabalho de outras críticas feministas. Ela contraria, por exemplo, a noção de Beatrice Faust de que a sexualidade feminina seria “tátil, verbal, íntima, cuidadosa, orientada para o processo e inclinada à monogamia” (Radway, 1991, p. 66), uma vez que Faust justifica sua afirmação a partir de uma pré-disposição biológica.

Radway (1991) discorda, ainda, que as preferências sexuais das mulheres pudessem ser explicadas pela biologia e que existiria uma preferência que se aplicaria a todas as mulheres. No entanto, apesar de discordar da universalização de Faust, Radway (1991) parte de um grupo de leitoras que se viam, primeiramente, como esposas e mães. A pesquisa, portanto, privilegia uma amostragem insular e homogênea para analisar e debater as questões apresentadas em sua pesquisa, grupo esse, que é privilegiado socialmente por atender às demandas da heteronormatividade patriarcal.

A partir das entrevistas realizadas com esse grupo de mulheres de Smithton, Radway (1991) parte para uma análise combativa à pornografia presente nos livros de romance. Contudo, uma possível neutralidade da pesquisa fica à deriva quando a autora concorda com os comentários das leitoras entrevistadas, referindo a alguns dos livros discutidos como “romances de lixo” e classifica a linguagem dos textos como *vulgar*:

Das dezesseis mulheres de Smithton que entrevistei em profundidade, seis haviam comprado *Alyx*. Nenhuma delas terminou o romance, e quatro o descartaram deliberadamente. Isso é facilmente explicável, dado o interminável relato de ato sexual após ato sexual, cada um descrito com detalhes excessivamente explícitos e nada românticos. Embora *Alyx* não seja

o mais ofensivo entre os romances de lixo, ele, como todos os outros, emprega uma gíria sexual mais comumente associada à pornografia masculina. As mulheres de Smithton, no entanto, objetam mais do que apenas a linguagem ‘vulgar’. Enquanto acham os termos clínicos e a profanidade sexual perturbadores, o que mais objetam nesses livros é a degradação, violência e brutalidade que a heroína é forçada a suportar antes que o herói se transforme em seu amante (Radway, 1991, p. 165)⁵.

Apesar de se posicionar contra o conteúdo pornográficos dos romances ao longo dos seis capítulos do livro, Radway (1991, p. 209) abre o capítulo de conclusão afirmando que o leitor não deveria se sentir surpreso se ainda estivesse incerto sobre se o romance deveria ser considerado fundamentalmente conservador ou não, pois “até agora, abster-me deliberadamente de formular uma conclusão definitiva”.

O principal problema da pesquisa de Radway é não perceber todo o enviesamento que a circunda. Ainda que a pesquisadora discuta como o determinismo biológico é utilizado como elemento discursivo a respeito da sexualidade feminina, ela falha em perceber como ela mesma cai na armadilha do essencialismo ao discutir comportamentos e predileções. Para Radway (1991), um bom romance não poderia se basear nos desejos da heroína, pois não é a ordem da feminilidade ser motivada pelo desejo. Nessa perspectiva, assim como Mann, a autora afirma que a expressão sexual da heroína nos romances românticos deve estar ligada aos sentimentos de amor que tem pelo herói.

Já em uma crítica mais recente, partindo de um viés feministas, mas diferente das perspectivas de Gilbert e de Radway, Natasha Turner (2015) se propõe a analisar os romances pornográficos a partir da linguagem utilizadas nas cenas eróticas. A pesquisadora parte de dois romances e uma coletânea de contos para apontar como que o romance pornográfico, apesar de ser um gênero que reflete as mudanças sociais das políticas sexuais, ainda está obsoleto quando se trata de feminismo sexo-positivo e teoria de gênero. A pesquisa de Turner, ao analisar o emprego linguístico exagerado de advérbios e adjetivos, o uso de metáforas de animais, terra conquistada, paixão aquosa e desejo ardente nas cenas pornográficas, chega à conclusão de que

⁵ Traduzido de: “None of them finished the novel, and four had deliberately discarded it. This is easily explicable given the novel's endless chronicle of sex act after sex act, each of which is described in too-explicit, unromantic detail. Although Alyx is not the worst offender among the garbage-dump romances, it, like all of the others, employs a sexual slang more commonly associated with male pornography. The Smithton women, however, object to more than just the ‘gutter’ language. While they find both the clinical terms and sexual profanity disturbing, what they object to most in these books is the degradation, violence, and brutality that the heroine is forced to endure before the hero is transformed into her lover.”

“a aceitação progressiva do sexo marginalizado nos textos e, subsequentemente, na sociedade, é minada pela priorização de metáforas que retratam as heroínas como fora de si. Isso separa a sexualidade da heroína de sua identidade” (Turner, 2015, p. 12)⁶.

O que Turner aponta, de fato, com sua análise é que o emprego de práticas sexuais, como sadomasoquismo, sexo anal, *ménage à trois*, uso de camisinha etc., que sinalizariam uma abertura positiva, não só para a sexualidade feminina, mas para sexualidade em geral, perdem seu valor quando são descritas a partir de metáforas que sugerem a excitação sexual e o orgasmo da heroína como momentos em que ela estaria fora de si. A conclusão da autora é que as cenas pornográficas contribuem para a noção de que a identidade da mulher está desassociada de sua sexualidade, uma vez que nesses momentos da narrativa, elas não estariam em plena consciência de si ou em controle de seus corpos.

De modo geral, em sua maioria, a crítica feminista antipornografia não parte do valor literário do texto em si para desqualificar o texto pornográfico. São outras questões que desqualificam esse tipo de produção, especialmente por ser considerado como um instrumento de dominação masculina. Por parte da crítica literária, por sua vez, devido a questões que marginalizam produções pornográficas, esses textos nunca são considerados como arte, salvo quando categorizados como *eróticos*.

Em contrapartida, há um lado da crítica feminista e literária que parte de uma abordagem que consideram as questões sócio-históricas como agentes da marginalização da pornografia, resultando em análises mais objetivas, que consideram o valor literário desses textos. Julie Peakman (2003) e Steven Ruzsyczky (2021), por exemplo, conseguem elaborar uma concepção de pornografia que se distancia de noções essencialistas da sexualidade. Ainda que não abordem o romance pornográfico diretamente, os autores examinam a pornografia e as possíveis disrupções que são capazes de operar na crítica literária.

Em *Mighty Lewd Books: the development of pornography in eighteenth-century*, Julie Peakman (2003) analisa extensivamente como a pornografia se estabelece como um gênero literário organizado, pensando a formação da literatura pornográfica no século XVIII na Inglaterra. A historiadora parte do entendimento de que a pornografia é indissociável dos âmbitos morais, religiosos e legais, vista sempre como ilegal e imoral, a depender das questões

⁶ Traduzido de “The progressive acceptance of marginalized sex in the texts and subsequently in society is undermined by the prioritization of metaphors that portray the heroines as out of their minds. This separates the heroine's sexuality from her identity.”

culturais e políticas de uma dada época. Nessa perspectiva, Peakman, da mesma maneira que Dworkin, reflete sobre a origem da palavra *pornografia*, apontando ressalvas sobre como o termo ganha novos contornos com a passagem do tempo histórico:

Se a palavra ‘pornografia’ não existisse, deveríamos usá-la para descrever material do século XVIII? Afirmções foram feitas de que ‘pornografia’ não pode ser usada sob a justificativa de que seria anacrônico, o termo sendo mencionado pela primeira vez no *Oxford English Dictionary* apenas em 1857. Também foi argumentado que o uso de *érotique* no contexto de ‘sexual’ em vez de ‘amoroso’ surgiu na França apenas em 1825, então, se rejeitarmos ‘pornografia’ como um termo, seríamos obrigados a rejeitar ‘erótica’ pelas mesmas razões. Além disso, terminologia semelhante estava circulando na Grécia antiga, então seria errôneo descartar os termos com base no anacronismo. [...] Em *Deipnosophistae*, Athenaeus menciona *πορνηγράφος* (pornografia), referindo-se a alguém que escreve sobre prostitutas. Portanto, já que os escritores de *Grub Street* também escreveram sobre prostitutas, por que não chamar seu trabalho de pornografia? Mas o termo ‘pornografia’ não mais alude apenas a escritos de ou sobre prostitutas. Mais recentemente, ele foi imbuído de significado político, certamente não a intenção deste livro. Precisamos, no entanto, de algum tipo de definição do material para auxiliar o leitor moderno (Peakman, 2003, p. 6)⁷.

Levando em consideração os novos usos que o termo adquire, Peakman (2003) entende que *pornografia* já não se atém aos escritos sobre prostitutas, mas sim, de textos que são escritos de determinado modo com uma função específica: descrições explícitas e detalhadas de órgãos e atos sexuais escritos com o objetivo de produzir a excitação sexual no leitor. O que a autora considera como pornografia, Sontag aponta como uma das razões pelas quais a crítica literária desclassifica, por mera definição, a possibilidade de um texto pornográfico ser considerado literatura. No entanto, ela argumenta que essa *intenção*, que é característica desse tipo de texto,

⁷ Traduzido de: “If the word ‘pornography’ did not exist, should we use it to describe material in the eighteenth century? Assertions have been made that ‘pornography’ cannot be used on the grounds that it would be anachronistic, the term being first mentioned in the *Oxford English Dictionary* only in 1857. It has also been argued that the use of *érotique* in the context of ‘sexual’ rather than ‘amorous’ emerged in France only in 1825,4 so, if we reject ‘pornography’ as a term, we would be obliged to reject ‘erótica’ for the same reasons. Furthermore, similar terminology was circulating in ancient Greece, so it would be erroneous to dismiss the terms on the basis of anachronism. [...] In *Deipnosophistae*, Athenaeus mentions *πορνηγράφος* (pornography), referring to one who writes about harlots.5 Therefore, since Grub Street writers also wrote about prostitutes, why not call their work pornography? But the term ‘pornography’ no longer alludes only to writings of or about harlots. More recently it has been imbued with political meaning, certainly not the intention in this book.6 We do need, however, some sort of definition of the material to assist the modern reader.”

não o impede de ser arte, visto que há obras que se propõe a ter muitas intenções além dessa primeira (Sontag, 2021).

Nessa perspectiva, de que a crítica exclui a pornografia do campo literário, Sontag (2021, p. 46) ressalta a incongruência do trato com a produção pornográfica, apontando que:

Por certo, ninguém nega que a pornografia constitui um ramo da literatura no sentido de que aparece na forma de livros impressos de ficção. Entretanto, afora essa relação trivial, nada mais se permite. O modo como a maioria dos críticos constrói a natureza da literatura em prosa (na mesma medida que sua visão da natureza da pornografia) inevitavelmente coloca a pornografia em oposição à literatura. Esse é um argumento estanque, pois, se um livro pornográfico é definido como não pertencendo à literatura (e vice-versa), não há razão para examinar as obras individuais.

Diante de tal argumento, fica evidente que a pornografia é atravessada pelas dinâmicas de poder que fazem parte de todas as áreas do conhecimento, capazes de incluir e excluir produções e saberes desses campos, de modo a darem manutenção ao *status quo*. Na Literatura, por exemplo, isso acontece, também, com os romances românticos e a ficção científica, que, apesar de receberem um pouco mais de credibilidade e respeito que a pornografia, ainda são consideradas produções menores e com pouco valor artístico por serem produzidas com seu valor mercadológico em mente.

Considerando, ainda, essa relação entre literatura e pornografia, em *Vulgar Genres: Gay Pornographic Writing and Contemporary Fiction*, Steven Rusczycky (2021) elabora sobre como a pornografia é um instrumento ideológico de manutenção de poder. Considerando a relação entre cânone literário, classe social e pornografia, Rusczycky (2021, p. 2) explica que:

Além de ser uma mera descrição de propriedades textuais específicas, a distinção entre literatura e pornografia também serviu aos fins ideológicos de diferenciação de classes. Enquanto era percebida como um meio pelo qual alguém expressava sua posição de elite, a capacidade de produzir e reconhecer textos com valor literário distintamente era entendida como disponível apenas para a população de homens brancos proprietários, em grande parte responsáveis por articular tais teorias de valor. Em contraste, a pornografia descrevia cada vez mais uma forma esteticamente inferior de escrita associada aos entretenimentos populares das classes trabalhadoras. Assim, a pornografia era reconhecível, não apenas em termos de sua grosseria, mas também em

termos das relações de poder que a subordinavam à literatura como a arte do homem pensante⁸.

A pornografia, então, não seria descredibilizada apenas por se tratar de um gênero que tem a intenção de produzir excitação sexual no leitor, mas também devido a quem escreve esse tipo de texto. Como Rusczycky ressalta, não são homens brancos heterossexuais da elite econômica que produzem pornografia, mas sim, a classe trabalhadora heterogênea, de modo que até a circulação desses textos é restringida dos espaços onde os obras e autores são canonizados na Literatura.

Considerações finais

Diante dos apontamentos de Peakman, Sontag e Rusczycky, de como a pornografia está passível de ser sempre percebida de uma perspectiva que a vilaniza, é possível pensarmos que, mesmo dentro de círculos sociais mais progressistas, como a crítica literária feminista, a pornografia não escapa desse lugar de *outridade*. Nesses espaços, não se fala em ilegalidade e imoralidade, mas sim de como a pornografia pertence ao universo masculino e por ele é utilizado como instrumento de opressão e de manutenção das relações de poder.

A discussão sobre o romance pornográfico no âmbito da crítica feminista expõe uma luta contínua para conciliar a expressão sexual feminina com as implicações sociais e políticas da pornografia. Esses romances, ao operar fora do cânone literário tradicional, oferecem um espaço para a exploração das múltiplas facetas da sexualidade feminina. No entanto, a resistência em reconhecer seu valor literário e cultural evidencia as tensões persistentes entre liberdade sexual e opressão de gênero. A análise crítica desses textos é essencial para compreender as dinâmicas de poder que estão em jogo, promovendo uma compreensão mais

⁸ Traduzido de: “Beyond being a mere description of particular textual properties, the distinction between literature and pornography also served the ideological ends of class differentiation. While perceived as the means by which one expressed one’s elite standing, the ability to produce and recognize texts with distinctly literary value was also understood to be available only to the population of White male property holders largely responsible for articulating such theories of value. In contrast, pornography increasingly described an aesthetically inferior form of writing associated with the popular entertainments of the working classes. Thus, pornography was recognizable, not only in terms of its crudeness, but also in terms of the relations of power that subordinated it to literature as the thinking man’s art.”

sofisticada e abrangente da literatura pornográfica como um campo legítimo de disputa e investigação acadêmica.

Referências

AZEVEDO, W. *A Vênus de Cetim*. São Paulo: Ondas, 1986.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

DWORKIN, A. *Pornography: men possessing women*. New York: Plume, 1989.

FRANTZ, S. S. G.; SELINGER, E. M. (org.). *New approaches to popular romance fiction: critical essays*. Jefferson: McFarland & Co, 2012.

FRAPPIER-MAZUR, L. Verdade e Palavra Obscena na Pornografia Francesa do Século XVIII. In: HUNT, L. *Invenção da pornografia: Obscenidade e as Origens da Modernidade, 1500-1800*. São Paulo: Hedra, 1999. p. 217-238.

GILBERT, A. Smutty fantasy in the digital sphere: self-published erotic romance and spaces of alternative feminism. *Selected Papers of Internet Research*, [s. l.], n. 16, p. 1-3, 2015. Disponível em: <https://spir.aoir.org/ojs/index.php/spir/article/view/8862>. Acesso em: 6 jul. 2024.

KRENTZ, J. A. (org.). *Dangerous men & adventurous women: romance writers on the appeal of the romance*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1992. (New Cultural Studies).

MANN, P. H. Romantic fiction and its readership. *Poetics*, [s. l.], v. 14, n. 1-2, p. 95-105, 1985. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0304-422X\(85\)90006-3](https://doi.org/10.1016/0304-422X(85)90006-3). Acesso em: 6 jul. 2024.

MCELROY, W. *XXX: a woman's right to pornography*. New York: St. Martin's Press, 1995.

PATTHEY-CHAVEZ, G. G.; CLARE, L.; YOUMANS, M. Watery Passion: The Struggle between Hegemony and Sexual Liberation in Erotic Fiction for Women. *Discourse & Society*, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 77-106, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0957926596007001004>. Acesso em: 10 jul. 2024.

PEAKMAN, J. *Mighty Lewd Books*. London: Palgrave Macmillan UK, 2003. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1057/9780230512573>. Acesso em: 12 ago. 2023.

RADWAY, J. A. *Reading the romance: women, patriarchy and popular literature*. London: University of North Carolina Press, 1991.

ROGERS, J. Sex and Text: Teaching Porno-Erotic Literature to Undergraduates. *Dalhousie Review*, [s. l.], v. 83.1, p. 189-214, 2003. Disponível em: https://dalspace.library.dal.ca/bitstream/handle/10222/64134/dalrev_vol83_iss2_pp189_214.pdf?sequence=1. Acesso em: 7 jul. 2024.

RUSZCZYCKY, S. *Vulgar Genres: Gay Pornographic Writing and Contemporary Fiction*. Chicago: University of Chicago Press, 2021. Disponível em: <https://www.bibliovault.org/BV.landing.epl?ISBN=9780226788890>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SACRAMENTO, S. M. P. do. Corpo, linguagem e representação, nas ondas do Feminismo. In: MITIDIERI, A. L.; CAMARGO, F. F.; SACRAMENTO, S. M. P. do (org.). *Revisões do cânone: estudos literários e teorias contra-hegemônicas*. Uberlândia: O Sexo da Palavra Projetos Editoriais, 2020. p. 130-155.

SNITOW, A. B. Mass Market Romance: Pornography for Women is Different. *Radical History Review*, Durham, v. 1979, n. 20, p. 141-161, 1979. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/radical-history-review/article/1979/20/141/75405/Mass-Market-Romance-Pornography-for-Women-is>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SONTAG, S. A imaginação pornográfica. In: SONTAG, S. *A vontade radical*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 43-83.

TURNER, N. *Contemporary Erotic Romance: Cunning Linguists or Fifty Shades of Feminist Dismay?* 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia e Literatura Inglesa) – Universidade de Birmingham, Birmingham, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/10303798/Contemporary_Erotic_Romance_Cunning_Linguists_or_Fifty_Shades_of_Feminist_Dismay. Acesso em: 10 jul. 2024.

WENDELL, S.; TAN, C. *Beyond heaving bosoms: the smart bitches' guide to romance novels*. New York: Simon & Schuster, 2009.

Who's afraid of pornographic romance? The pornographic novel as a field of dispute for feminist criticism

Abstract: This article investigates pornographic novels as a contested space within feminist and literary criticism. Based on discussions by Susan Sontag, who proposed recognizing the artistic value of pornography, we explore how this literary genre remains marginalized, often analyzed from psychological and social perspectives. In the realm of feminist criticism, pornography causes divisions. Antipornography feminists argue that pornography reinforces male oppression and the objectification of women, while other theorists question the definitions that distinguish pornography from erotica, highlighting the complexity of this categorization. Our discussion reflects the duality present in feminist criticism, which both condemns pornography for its implications of gender violence and acknowledges its potential to express the multiple facets of female sexuality. Additionally, we discuss how pornographic novels challenge literary and cultural conventions, reflecting social tensions surrounding

sexuality and gender. Ultimately, we advocate for a more nuanced and open analysis of this literature, suggesting that it can serve as a legitimate field for critical and academic inquiry.

Keywords: Pornographic novels; Pornography; Feminist criticism; Literary criticism; Literary canon.

Recebido em: 5 de outubro de 2024.

Aceito em: 2 de dezembro de 2024.